

que levava muitas outras a algum convento de alguma rua de algum bairro de alguma cidade de algum Estado do Brasil — e de outros 41 países da América Latina, Europa, Ásia, África e Oceânia. “E não se preocupem com nada. Tudo já está previsto.” Verdade. Cada cursilho parece ser exatamente igual ao outro — na metodologia, no programa, na maneira de expor sua doutrina, nas próprias frases de seus orientadores. Com exceção, talvez, dos nomes das frutas que servem de imagem para a sua definição.

Chás-de-cozinha — O gosto da uva foi saboreado pela primeira vez em 1949, em Palma de Maiorca, Espanha, quando um esguio monsenhor de olhos iluminados, don Juan Hervás, imaginou a formação de um movimento de católicos leigos capaz de “vitalizar o cristianismo, abrir a fome de Deus, a fim de que a vida cristã seja vivida em sua total plenitude”. Na prática, a teoria de don Hervás se concretizaria num retiro espiritual de três dias, onde grupos selecionados de homens ou mulheres seriam introduzidos nos mistérios da fé, da esperança e da caridade. Em outras palavras, essas pessoas se confrontariam com seus próprios pecados, tentando purificar-se, ganhando instrumentos para compreender e perdoar outros pecadores.

No Brasil, os cursilhos só chegaram em abril de 1962, quando, sob a orientação de sacerdotes e leigos da comunidade espanhola de São Paulo, 22 graves senhores se reuniram na vizinha cidade de Valinhos, famosa por seus figos, para um encontro tão cuidadosamente protegido do mundo quanto os chás-de-cozinha dos “gangsters” de Chicago nos anos 30. Depois de Valinhos, perto de 100 000 brasileiros já fizeram cursilho (no mundo todo, 1,5 milhão de pessoas), em 140 dioceses diferentes (veja o mapa da página 55). Suas casas de retiro estão invariavelmente lotadas. Nas capitais, principalmente, há sempre uma esticada

fila de inscritos que esperam uma oportunidade para experimentar o sabor da tangerina. E só na capital paulista formam-se cem cursilhistas por semana — cinquenta homens e cinquenta mulheres.

A estrutura funcional dos cursilhos é bastante simples. Além de defender o “espírito do movimento” através de palestras e publicações, um Secretariado Nacional, com sede em São Paulo, orienta e coordena o início de novos ramos nas diversas dioceses do país. Um degrau abaixo ficam os secretariados regionais, de administração autônoma, onde o candidato solicita seu registro, apadrinhado por um veterano. O movimento se sustenta através de coletas feitas nos próprios retiros — ninguém é obrigado, mas geralmente todos dão a sua contribuição, atualmente em torno dos 100 cruzeiros.

Os mil escolhidos — E depois? Alguns cursilhistas, talvez 2% do total (segundo estimativas feitas em vários retiros), simplesmente se decidem a nunca mais pensar no assunto. A maioria, porém, ali-



Don Hervás (à direita*): fome de Deus

mentada pelas amizades feitas no cursilho, prefere escolher entre três alternativas: voltar à sua paróquia, se ela mantiver um grupo de companheiros que se encontram regularmente; integrar novos grupos, formados entre seus colegas de turma, ou tomar parte em grupos organizados diretamente pelos secretariados regionais.

A expansão desses ramos não provocaria o surgimento de confrarias paralelas, grupos fechados de cursilhistas que usariam as relações feitas nos retiros com objetivos profissionais ou políticos? Há alguns meses, na Argentina, o jornalista Rogelio García Lupo, no jornal “La Nación”, chegou a afirmar que “um partido secreto de cursilhistas, os mil escolhidos”, entre os quais estariam o ex-presidente Juan Carlos Onganía e o atual presidente Alejandro Agustín Lanusse, seria o principal inspirador do golpe que derrubou Arturo Illia, em 1966, e colocou os militares no poder em Buenos Aires.

“É claro que não podemos transformar nenhuma pessoa num bom cristão em três dias”, admite o padre Paulo Cancellis, 41 anos e um sorriso formal permanente, diretor espiritual do Secretariado Nacional. “O cursilho é apenas um impulso inicial. Lá, cada um recebe apenas as ferramentas e a orientação necessárias para se iniciar uma vida cristã fecunda. Não temos culpa se nem sempre os recursos oferecidos são manejados indevidamente.”

Um abricó azedo — “Naquele tempo, vendo Jesus uma multidão, subiu a um monte e, tendo-se sentado, aproximaram-se dele os seus discípulos. E ele, abrindo sua boca, os ensinou, dizendo: ‘Bem-aventurados sois, quando vos injuriam e perseguem e, mentindo, dizem todo o mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa no reino dos céus.’”

* Com don Hervás, na foto, dom Aníbal García Mellilo, bispo de Piracicaba, São Paulo.

As palavras

Antes de sentir o gosto da fruta que o cursilho oferece, o cursilhista precisa se familiarizar com o vocabulário particular dos retiros. Aqui estão algumas de suas palavras:

Cursilho — Do espanhol “cursillo”, que significa cursinho. Para evitar confusões, a pronúncia original foi abrandada.

Rollo — Palestra, alusão aos rolos de

pergaminho escritos pelos evangelistas, nas igrejas primitivas.

Dirigente — Cursilhista que passou pela Escola de Dirigentes e está apto a funcionar nos retiros como “rollista” — ou seja, aquele que profere os “rollos” — ou em qualquer outra função, como cozinheiro, por exemplo.

Reitor ou coordenador — Dirigente que atua como autoridade máxima dentro de um cursilho.

Reunião de grupo — Encontro



semanal de cursilhistas, para que eles mantenham e desenvolvam sua fé.

Cursilhão — Retiro destinado apenas aos dirigentes cursilhistas — onde se debatem problemas do movimento.

Ultreya — Palavra usada por peregrinos espanhóis com o sentido de “avante, coragem”: encontro dos cursilhistas de uma diocese.

Chefão ou amigão — Jesus Cristo.